

5

Da graduação à docência: vivências de egressos do curso de Letras Libras atuando como professores substitutos na UFS

Antônio Rúbio Andrade de Carvalho

Rubivânia Andrade de Carvalho

José Affonso Tavares Silva

Introdução

A comunidade surda brasileira expressa sua vivência de mundo por meio de uma língua com características visuais. A Língua Brasileira de Sinais (Libras) teve seu reconhecimento linguístico por meio da Lei nº 10.436/2002 (Brasil, 2002), que lhe garante não só o status de língua com estrutura própria, mas reconhece as diferentes manifestações culturais do povo surdo.

Após três anos, foi promulgado o Decreto nº 5.626/2005, que regulamenta a lei citada, estabelecendo as normas para seu funcionamento. Em seu artigo 3º há menção à inserção da Libras como disciplina curricular nos cursos de nível superior, sendo sua oferta, de forma obrigatória, naqueles que formam professores, como é o caso das licenciaturas e dos cursos de Fonoaudiologia (Brasil, 2005).

Com a necessidade de formar profissionais de diferentes áreas com conhecimento de Libras, foi preciso pensar na formação daqueles que estavam atuando frente ao ensino da língua, surgindo, assim, o primeiro curso de Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Assim, “O curso de Letras Libras teve projeto piloto com três turmas, uma em 2006 somente com habilitação em licenciatura e as outras duas em 2008, com habilitações em licenciatura e bacharelado” (Lopes; Pego, 2014, p. 50).

As turmas foram sendo formadas, e a abertura de novos cursos, em diferentes estados do Brasil, foi gradativamente crescendo, como é o caso da Universidade Federal de Sergipe (UFS), que deu início à primeira turma no ano de 2014. O curso “teve seu Projeto Pedagógico de Curso (PPC) aprovado sob a Resolução de nº 50/2013/CONEPE, em 21 de novembro de 2013” (Souza, 2022, p. 124).

Ainda de acordo com Souza (2022), o Departamento de Letras Libras da UFS (DELI) recebe matrículas de alunos surdos e ouvintes anualmente. Em seu estudo, a pesquisadora pontua uma característica considerada importante: a atuação de egressos como professores de Libras da própria instituição. Essa atuação, segundo a autora, impacta, principalmente, os estudantes surdos – que veem em seus colegas um espelho de profissionais.

Além disso, essa transição da condição de licenciando para a de professor, especificamente no nível superior, carrega uma carga de responsabilidade muito grande, mas contribui para o lapidar do docente, pois representa a oportunidade de

colocar em prática aquilo que foi vivenciado na formação inicial e de aprender novos saberes.

Em meio a esse contexto, o presente estudo aborda discussões que perpassam esses saberes e experiências, sendo o objetivo principal apresentar vivências de egressos do curso de Licenciatura em Letras Libras da UFS que atuaram como professores substitutos de Libras na mesma instituição de ensino.

O relato das vivências desses profissionais se torna importante por ser possível, a partir disso, compreender os desafios, os principais resultados das práticas e os diversos conhecimentos apreendidos durante o percurso formativo, além de contribuir para instigar outros professores e pesquisadores da área na realização de seus trabalhos acadêmicos e/ou profissionais.

Metodologia

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, tendo como principal delineamento o relato de experiência. A escolha metodológica fundamenta-se na necessidade de compreender os sentidos e significados atribuídos a uma vivência concreta, possibilitando uma reflexão crítica sobre o percurso realizado.

Com base no estudo de Mussi, Flores e Almeida (2021, p. 65), consideramos esse delineamento como

[...] um tipo de produção de conhecimento, cujo texto trata de uma vivência acadêmica e/ou profissional em um dos pilares da formação universitária (ensino, pesquisa e extensão), cuja característica principal é a descrição da intervenção. Na construção do estudo é relevante conter embasamento científico e reflexão crítica.

A partir do que é mencionado pelos autores, este compilado de relatos trata da vivência acadêmica de ensino de três egressos (autores deste estudo), um ouvinte e dois surdos, do curso de Licenciatura em Letras Libras da UFS que, após a sua formação, atuaram como professores substitutos de Libras nessa instituição. Cada um deles lecionou em um período específico – que corresponde aos anos de 2018 a 2025 –,

sendo que os relatos dos informantes são apresentados seguindo a ordem de atuação: 1) José Affonso; 2) Rubivânia Andrade e 3) Antônio Rúbio.

As informações prestadas são registros das práticas realizadas por eles em cadernos de anotações, materiais utilizados e memórias afetivas. Para a organização da apresentação dos dados, optamos por abordar, primeiramente, o relato de cada um dos informantes, expondo suas vivências na graduação e no ensino de Libras como professores substitutos, e, posteriormente, discutir os pontos principais percebidos.

Da graduação à docência: as experiências vividas

Formar-se professor se dá a partir das experiências pessoais, acadêmicas e profissionais vividas em contextos históricos e sociais diversos (Tardif, 2002). A atuação docente, nesse sentido, é um arcabouço das experiências construídas e em constante aprimoramento. Os relatos apresentados nesta seção dialogam com essa perspectiva e revelam diferentes situações passadas por estudantes da graduação que, em um momento outro, passaram a ser professores substitutos do Ensino Superior.

Relato de experiência: José Affonso

A minha experiência como professor substituto de Libras na UFS está relacionada com o curso de Letras Libras, uma vez que, ao mesmo tempo que lecionava como docente, eu também frequentava o departamento como discente. Ingressei no curso de Letras Libras no ano de 2017 e um ano depois fiz a seleção para trabalhar como professor e atuar nos diversos cursos de graduação da universidade, em sua maior parte, no turno da noite.

Na graduação, pude vivenciar momentos ricos de aprendizado e realizar um dos meus sonhos: estudar em uma universidade pública. Além disso, construí laços de amizade que permanecem até hoje, com amigos surdos e ouvintes. As diferentes disciplinas da grade curricular do curso foram fundamentais para a minha formação como professor – desde aquelas voltadas aos aspectos linguísticos da língua até as que abordavam o fazer docente, as pedagógicas.

Apesar dos inúmeros momentos positivos nesse percurso, houve um período muito difícil para todos, o da pandemia da Covid-19. Nossa turma estava prestes a se

formar, e não conseguimos realizar esse momento tão importante em nossas vidas de forma presencial, uma vez que precisávamos ficar em isolamento nas nossas casas. No ano de 2021, então, finalizei meus estudos.

No que se refere ao fazer docente como professor substituto, permaneci nessa função durante dois anos, de 2018 a 2020. Nesse período, tive a oportunidade de colocar em prática o que estava sendo aprendido na graduação, aliado às experiências anteriores como professor da Educação Básica. O início não foi fácil, pois, embora tivesse experiência na docência, era a primeira vez que eu atuava como docente no Ensino Superior, por isso precisei do apoio de colegas de trabalho e amigos da área.

Durante essa trajetória, vivi momentos positivos e outros mais desafiadores. Entre os aspectos positivos, destaco que a didática aliada à ludicidade garante um ensino mais significativo, visto que sempre busquei ensinar de maneira dinâmica e com a participação de todos, especialmente nas atividades práticas, em que a Libras era a língua de instrução, o que contribuiu para o desenvolvimento dos alunos nas aulas. Além disso, a participação de pessoas surdas em determinados momentos fez toda a diferença.

No que se refere aos desafios vivenciados, destaco a insegurança ao atuar em alguns cursos de graduação ou em turmas compostas por estudantes de diferentes formações, o que me fazia buscar, ao máximo, aproximar a língua de todas as áreas. Ademais, houve o contato com um aluno em específico, cujas ações e brincadeiras hoje compreendo como capacitistas – algumas até consideradas “ameaçadoras” ao trabalho docente.

Apesar disso, considero que todos os momentos (positivos ou não) serviram para formar o professor que sou hoje e entender que a profissão docente é um percurso contínuo de aprendizado, mas que precisa de apoio institucional em diferentes áreas, em especial a saúde. Cabe mencionar ainda que o alinhamento entre teoria (graduação) e prática (professor substituto) foi essencial para meu trabalho com o ensino de Libras no Ensino Superior.

Relato de experiência: Rubivânia Andrade

Em 2014, comecei a estudar no curso de Letras Libras. Isso exigiu muito esforço. Foi um grupo grande de alunos surdos e um grupo pequeno de ouvintes. Foi muito bom. Uma troca de aprendizado boa e importante.

Em relação aos pontos negativos, havia alguns problemas. Por exemplo, a atuação do professor e do intérprete nas aulas. O professor não sabia Libras, apenas dava aula falando, e ao seu lado ficava o profissional intérprete, que fazia toda interpretação, mas o professor usava o quadro, e o intérprete se posicionava longe do professor. Eu, sendo surda, precisava olhar para o intérprete, mas o professor dava aula usando o quadro e apontando para a explicação exposta nele. Assim, eu não conseguia visualizar os dois, e ficava difícil acompanhar a aula dessa forma.

Alguns professores sabiam Libras, outros não. Mais ou menos quatro professores sabiam Libras. A professora Ana Flora se esforçou bastante. Alguns sabiam, como os professores Edivaldo e Mônica. Alguns sabiam mais ou menos, mas outros não sabiam. Então era um problema, porque nós surdos precisávamos da Libras. Havia adaptação, metodologia. Eu consegui acompanhar.

Em 2018, eu me formei; foi muito esforço durante quatro anos. Em 2019, passei no concurso para professor substituto e comecei a ensinar na UFS. Não fiquei ansiosa, nervosa, pois eu já tinha uma grande experiência de ensino de Libras nas redes estadual e municipal. Logo comecei a ensinar na UFS a alunos ouvintes.

Em 2019, continuei ensinando, mas depois se iniciou a pandemia, e foi muito complicado, foi difícil. No ensino remoto, diminuiu a quantidade de horas-aula. Passou para duas horas apenas. Foram muitas dúvidas, muito complicado. Pedi ajuda à minha filha e à minha sobrinha – que me ajudaram muito. Faltou acessibilidade também.

No ensino remoto pelo *Meet*, a câmera captava a pessoa que falava, e eu, professora surda, sinalizava. A câmera não captava a minha imagem sinalizando. Foi difícil. Eu fiquei muito triste porque os alunos olhavam a tela do intérprete que falava. Além disso, travava a tela, e alguns alunos fechavam a câmera, outros a abriam. Os alunos não aprendiam rápido. As regras do ensino remoto permitiam apenas duas horas de aula na tela. Depois acabou a pandemia, e voltamos ao ensino presencial.

No ensino presencial, também houve alguns problemas. Os alunos na aula olhavam para a intérprete que estava falando, como se ela fosse a professora, mas eu

era a professora, e os alunos focavam muito na intérprete. Isso me deixava angustiada, triste. Eu queria que eles focassem em mim, que era a professora. Minha experiência como professora substituta finalizou no mês de abril de 2025.

Relato de experiência: Antônio Rúbio

Minha formação ocorreu entre os anos de 2020 e 2024 no curso de Letras Libras, oferecido pelo Departamento de Letras Estrangeiras da UFS. Durante a graduação, tive acesso a uma formação bilíngue, com valorização da Língua Brasileira de Sinais como ferramenta de ensino, aprendizagem e pesquisa. Essa abordagem contribuiu significativamente para o meu desenvolvimento como sujeito surdo e futuro docente.

Entretanto, minha trajetória foi marcada por diversos desafios. Entre os principais obstáculos enfrentados, destaco as dificuldades comunicacionais com intérpretes, especialmente devido à variação linguística dos sinais e à constante troca de profissionais ao longo do curso. A ausência de intérpretes em momentos decisivos comprometeu minha aprendizagem, sobretudo em disciplinas de maior complexidade.

Durante o período de ensino remoto, as falhas técnicas, como instabilidade da internet, travamentos de vídeo e baixa qualidade das videochamadas, intensificaram a exclusão dos estudantes surdos. Além disso, mesmo na condição de discente, eu, Antônio Rubio, era frequentemente procurado por colegas surdos e ouvintes para esclarecer dúvidas e auxiliar em atividades, o que acabou sobrecarregando minha rotina acadêmica.

Outro aspecto sensível foi a dificuldade com a língua portuguesa escrita, segunda língua para estudantes surdos. Apesar do empenho contínuo, essa barreira exigiu tempo, dedicação e esforço redobrado, impactando minha produção acadêmica e gerando insegurança em determinados momentos.

Em diversos episódios durante a graduação, sentia-me exausto e emocionalmente abalado. Era comum receber inúmeras mensagens de colegas solicitando ajuda, tanto surdos quanto ouvintes. Embora sempre me mostrasse solícito, raramente recebia apoio em contrapartida. Minha rotina tornava-se cada vez mais intensa, repleta de responsabilidades. O mais difícil era lidar com a percepção de que, embora fosse apenas estudante, era constantemente tratado como se já fosse

professor, como se a obrigação de auxiliar os demais recaísse exclusivamente sobre mim.

Ainda no 7º período do curso, participei e fui aprovado em processo seletivo para professor substituto de Libras. No entanto, minha convocação oficial ocorreu apenas após a conclusão da graduação, no final de 2024. Assim, a partir de outubro de 2024, passei a atuar oficialmente como professor substituto no Departamento de Letras Libras da UFS, ministrando disciplinas nos turnos da manhã e da noite para estudantes ouvintes, surdos e com deficiência auditiva.

As disciplinas ministradas incluem: Conversação em Libras II, Libras IV, Semântica e Pragmática de Libras, Libras V e diversas turmas da disciplina Língua Brasileira de Sinais – Libras. Em sala de aula, faço uso de variados recursos, como slides, vídeos, quadro, notebook e data show. Minha metodologia de ensino valoriza a prática da Libras por meio de atividades, como apresentações em dupla, seminários e vídeos avaliativos, sempre adaptando os conteúdos às necessidades linguísticas dos alunos.

Destaca-se, em minhas aulas, o uso exclusivo da Libras como meio de comunicação, promovendo uma imersão total na língua e incentivando o desenvolvimento comunicativo dos estudantes. Atuo também em parceria com professores e intérpretes de Libras para garantir a acessibilidade e a qualidade do processo pedagógico.

Além disso, organizo eventos, como palestras com professores experientes, fomentando o protagonismo estudantil, a valorização da cultura surda e a formação crítica dos discentes. Entre as práticas avaliativas, proponho atividades envolvendo diálogos, expressões faciais, vocabulário e discussões culturais, sempre buscando integrar teoria e prática.

Concluo reconhecendo que minha experiência como docente está sendo extremamente enriquecedora, tanto no âmbito pessoal quanto no profissional. Ressalto a importância da inclusão, da acessibilidade e do acolhimento no ambiente universitário, agradecendo a todos que colaboraram e colaboram com minha jornada.

O fazer docente no Ensino Superior: um diálogo com os relatos

As experiências relatadas pelos três egressos mostram os aprendizados e os desafios passados durante a trajetória que se iniciou na graduação e se estendeu até o

Ensino Superior como docentes de Língua Brasileira de Sinais. Nas narrativas, é possível perceber situações semelhantes e outras que divergem pela experiência individual de cada um. No que tange às semelhantes, a primeira delas diz respeito ao ensino de Libras, pois todos enfatizaram que a utilizavam como língua de instrução. Além disso, salienta-se o uso de estratégias didático-pedagógicas nesse ensino.

Silva, Maia e Lima (2019, p. 199) realizaram um estudo cujo objetivo teve relação com o ensino de Libras e o uso de jogos lúdicos. Para eles,

O ensino de Libras como segunda língua não é algo simples. O docente necessita propiciar estratégias para que o discente crie habilidades na língua, além do desejo de aprender e motivação. Principalmente, se os estudantes frequentarem as aulas em um turno mais cansativo como é o da noite, por estudarem ou trabalharem na parte da manhã e/ou tarde. Assim, buscar utilizar jogos lúdicos no processo de ensino-aprendizagem, como foi percebido na pesquisa, contribui para o desenvolvimento estudantil na Língua Brasileira de Sinais, além de proporcionar uma aula mais dinâmica, atrativa e menos cansativa.

O professor de línguas, em especial o de Libras, ao levar em consideração as especificidades dos seus alunos (surdos ou ouvintes), pode proporcionar uma aprendizagem significativa e com sentido. A partir do momento em que se conhece quem é o aluno, seus interesses e suas potencialidades, a escolha por estratégias mais eficazes se torna mais fácil e o ensino, conseqüentemente, mais motivador.

Outro ponto semelhante percebido nas narrativas dos professores foi o desafio vivenciado no período da Covid-19. As experiências compartilhadas desse momento – ora como alunos, ora como professores – mostraram que o ensino remoto trouxe grandes desafios para o processo de ensino e aprendizagem, principalmente para os dois professores surdos. Essa situação também é compartilhada na pesquisa de Pereira e Santos (2023, p. 839), na qual se menciona que

A comunicação entre aluno e professor acaba sendo limitada, tanto pelas questões linguísticas quanto por questões sociais, como a dificuldade de alguns alunos em manter a câmera ligada, seja pela falta de recurso ou pela qualidade da conexão à internet, além do nível de interesse de participação dos alunos nas aulas. Outro ponto destacado é o ambiente onde a aula ocorre, a

limitação espacial, como a participante cita, pois a tela do computador não possibilita que o professor se expresse da melhor maneira, dificultando o feedback sobre o que os alunos estão aprendendo e como estão aprendendo.

Os relatos mencionados pelos autores assemelham-se aos dos professores surdos deste estudo: dificuldades para ver os alunos devido ao não uso da câmera, interrupções na conexão com a internet, entre outras questões que comprometeram a realização de um trabalho adequado e produtivo. Cabe ressaltar que o período de quarentena impôs desafios ao fazer docente no ensino de Libras, não apenas na UFS, mas também em outras instituições de Ensino Superior. Apesar das dificuldades enfrentadas pelos três professores, entendemos que esse processo contribuiu significativamente para sua formação profissional. Neste relato de experiência, observamos como o conhecimento teórico sustenta a prática, articulando-se a outros saberes, pessoais e profissionais, que foram essenciais para o exercício da docência.

Considerações finais

O presente estudo apresentou as experiências relacionadas à transição da condição de licenciandos do curso de Letras Libras para a atuação como professores substitutos na Universidade Federal de Sergipe. Os três docentes relataram vivências individuais ao longo de sete anos como estudantes e profissionais no ensino de Libras.

A formação inicial no curso de Letras Libras, com diferentes disciplinas da grade curricular, se tornou fundamental para o aprendizado de saberes essenciais ao fazer docente, embora, em alguns relatos, percebamos dificuldades que surgiram durante esse processo. Ainda na graduação, os informantes surdos destacaram que nem todos os docentes dominavam a Libras. No entanto, com o contato diário e o apoio dos colegas de sala, a situação foi se transformando, e o aprendizado passou a ocorrer com menos dificuldade. É relevante ressaltar que um dos informantes relatou a dificuldade enfrentada com os próprios colegas, que frequentemente solicitavam sua ajuda nas atividades, sobrecarregando-o em uma função que deveria ser apenas a de estudante.

No tocante à prática como professores substitutos, por sua vez, a maior parte dos relatos apresentou pontos em comum, especialmente no que se refere ao processo de ensino. Destacam-se: o uso da Libras como língua de instrução, a adoção de estratégias didático-pedagógicas exitosas, a interação com os alunos e a aprendizagem

discente. Como ponto desafiador, os três relatos mencionaram o período remoto, sendo que dois deles se referem especificamente ao tempo em que atuavam como professores.

Diante do contexto apresentado, compreendemos que a pesquisa do tipo relato de experiência evidencia a realidade de sujeitos sociais em diferentes contextos – neste caso, o acadêmico –, cuja trajetória é marcada pelas vivências de três professores, desde a condição de egressos de um curso de graduação até suas experiências profissionais em uma modalidade de ensino que exige saberes específicos, como é o caso do Ensino Superior. Assim, esperamos que essas experiências contribuam para a compreensão de que a práxis pedagógica é peça-chave no exercício da docência.

Referências

BRASIL. Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002 e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 2005. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 3 ago. 2025.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 3 ago. 2025.

LOPES, B.; PEGO, C. F. Reflexões acerca do curso de Letras Libras e suas contribuições para a construção de novas perspectivas na Educação a Distância. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n. 42, p. 46-55, 2014. Disponível em: <https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/1317/1321>. Acesso em: 3 ago. 2025.

MUSSI, R. F. de F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis Educacional**, [S. l.], v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/praxis/article/view/9010/6134>. Acesso em: 3 ago. 2025.

PEREIRA, A. N. M.; SANTOS, L. F. dos. O ensino remoto na universidade: desafios enfrentados por docentes surdos na pandemia. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 826-846, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/69384/44076>. Acesso em: 3 ago. 2025.

SILVA, J. A. T. S.; MAIA, A. M. F.; LIMA, R. P. de. Implicações do uso de jogos lúdicos no processo de ensino da Libras como segunda língua para pessoas ouvintes. **Revista Diálogos**, Mato Grosso, v. 7, n. 2, p. 187-200, 2019. Disponível em:

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/7796/pdf>. Acesso em: 3 ago. 2025.

SOUZA, A. A. N. **Identidades e sentidos na formação do licenciando surdo do curso de Letras Libras/UFS**. 2022. 225 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2022. Disponível em:
https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/15694/2/ADRIANA_ALVES_NOVAIS_SOUZA.pdf. Acesso em: 3 ago. 2025.